

QUINTA-FEIRA
Lisboa--5 de Agosto-1926

5 TOSTÕES



sempre **fixe** sem fumo

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Admin:
REDACÇÃO
TEL.
RUA DA

2-N
Exms Sr.
Kot d'Alvarenga
Rua Brito Capelo
83-D
MATOZINHOS

AS



Zé Samsão -- Tantos córtex lhe fazem até que um dia acorda e...



Os ditos da semana



Reeditou-se, um pouco modificada em linhas superficiais, a nova lei de imprensa. Belo!

Agora é de crer que a Censura acabe. Não se compreende, mesmo com o sr. dr. Manoel Rodrigues no Governo, lei de imprensa e Censura, ao mesmo tempo.

O sr. coronel Prata Dias podia descansar, e certamente os seus oficiais, um dos quais cujo nome ficará para a História — é o Cerbero do gabinete, precisam também arejar.

Se não lôr por nós, ao menos pelos censores — acabem depressa com aquela repartição de bom humor, porque já esgotámos o nosso «stock» de gatos e de pontos de interrogação.

Se assim não suceder — pasaremos a utilizar... pontos de admiração.



Vão ser levantados outra vez alguns pavimentos das ruas, porque não provaram bem. As despesas, é logico, não correm por conta do Municipio. Mas o que correrá por nossa conta é a maçada

de dar voltas por todas as travessas até que o desentulho se arrume e a empresa belga definitivamente resolva o problema da eternidade para os pavimentos.

Fazemos votos para que com o proximo futuro arranjo das estradas não venha a succeder o mesmo.

O pais não morreria, então, da doença das estradas. Morreria da cura.



Começa o exodo para as praias e para os campos.

Uma anedota veridica, surpreendida na «gare» do Rossio, á hora do rapido do Norte:

C. R., um rapaz conhecido em Lisboa em certos meios mundanos por possuir, além de certa graça imprevista, uma sogra muito sogra, destas que são o simbolo vivo da instituição e, como diria o outro, destas que «não morrem nem que a matem» — C. R., despedia-se, gentilmente, quasi cordalmente, da mãe de sua mulher, que, é claro, partia igualmente.

Faltariam uns cinco minutos para a largada, e o nosso C. R., mais radiante do que,

com franqueza, estava aconselhado a um genro bondoso, aproximou-se da janela da carruagem e, depois de beijar sua esposa, dirigiu-se á classica sogra, que não dava ares de precisar de ares de campo:

—Minha mãe, até p'rá semana. Lá, apparecerei para o nosso «voltarete». Entretanto, desejo que gose bastante.

—Ah! Eu não vou para gosar. Vou para descansar.

—Então—que «descanse... em paz».



O banquete da Curia foi uma coisa opipara. Politicamente deu algumas surpresas, destas que succedem sempre que se inicie uma cura de aguas.

Mas seria a agua a causa da reacção que algumas pessoas, de varias côres, patearam durante o repasto?

Lá dizia o sr. Alexandre de Almeida:

—Isto só provou que as aguas são melhores do que os vinhos. Eles provaram estes e não provaram aquelas.

Não, que haviam de provar. Já dizia com o seu bom

humor o sr. conde de Agueda:

—A agua da Curia é para dar banho aos rins. Não é para afirmar princípios.

A necessidade de assunto á sensation é que levou os jornalistas ao exagero do acontecimento.

Ironicamente, com seu sorriso misterioso de Car-Mona-Lisa, o sr. Chefe do Governo dizia, no caminho do Bussaco, ao sr. Sinel de Cordes:

—Ferveram todos em pouca... agua.

Em pouca agua, com vinhos que não tinham tratamento de aguardente — é a verdadeira dictadura do eufemismo.



Foi proposto e aprovado que as vendedeiras de flôres do Rossio passem a usar cabelo á garçonne e bata.

Uma bata uniforme, elegante, que vai ficar a matar nas colarejas antigas, porque — diga-se de passagem — os tipos bonitos de vendedeiras de flôres são mera invenção, ainda que deliciosa, do lapis inebriante do Stuart Carvalhais.

De modo que rosas e cravos, de cabelo cortado e bata?

Podiam-se ter aproveitado as meninas do «Bata-Clan».

Um "sempre fixe"



Daarte: Volta d'outro do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro

Depois do aumento da circulação fiduciaria



O Comercio: — Não sei se os salve?...

O franco em perigo



POINCARÉ: — Com mil diabos, se o não apanho, o palerma agarra-se á bola

FRUTA DO TEMPO

A «Lálá», o estudante, a «Lúlú» e o cão



A historia é verdadeira. Como, porém, ha quem se lembre dela, prometo ser discreto... De maneira que troco o nome á dona da cadela.

Fica, portanto, assente, desde já, que a Lálá da Lúlú que eu conheci nunca, na vida, se chamou Lálá: —Lálá é só qqui.

Morava no Chiado, era galante, vivia honestamente da costura, e tinha por visinho um estudante que completava, esse ano, a formatura.

Nunca, porém, se tinham visto. Havia, entre os dois, o Destino que mandava: —De dia ele estudava, ela saía; á noite ele saía, ela voltava...

E só então,—se é que corria branda a brisa da noitinha,—vinha sentar-se, um pouco, na varanda, sempre a brincar co'a sua cadelinha.

A Lúlú da Lálá era um encanto!... Branca, roliça, inteligente, boa, —raciocinava tanto, que podia dizer-se uma pessoa!...

Ora uma vez, depois dum dia em braza; por uma noite quente de verão, o estudante não foi só p'ra casa: —levou consigo um pequenino cão.

Aqui começa o tragico da historia!

Não se riam de mim... Nunca se viu nem pode haver memoria duma tragedia assim!...

A noite, como disse, estava quente, e o nosso homem foi para a janela... O cão seguiu-o.

Na varanda, em frente, dormitava a Lálá mais a cadela. Um luar triste amortalhava tudo...

Era já tarde.

O palrador Chiado, atravessava o seu momento agudo de velho pensador amargurado!...

O cão viu a Lúlú adormecida; certificou-se da verdade e, ao cabo, —co'as orelhas em pé, criando vida, levantando a cabeça e dando ao rabo—começou a ladrar de tal maneira, sem respeito p'lo dono nem por nada, que a Lálá, que dormia na cadeira, ergueu-se, de repente, estremunhada.

A Lúlú respondia á saudação, tambem ladrando, alegre, da janela... E ele, o rapaz,—repreendia o cão; e ela, a Lálá,—ralhava co'a cadela!...

A confusão, porém, durou um instante e, já reinando a paz em seu lugar, p'la vez primeira, os olhos do estudante fizeram a visinha á luz do luar!

Esse doce perfil de mulher linda, que a luz aureolava de misterio, já de si tão correcto, e agora, ainda tornado pela Hora quasi ethérico,

—conquistou-lhe os sentidos, de momento, e o triste conservou-se, incerto em dór, ouvindo a estranha voz do Pensamento gritar, dentro de si, Traição e Amór!...

Ela, com esse espirito adivinho com que Deus quiz dotar toda a mulher, notando o embaraço do visinho, sentiu certo prazer...

E querendo mostrar-se penhorada a quem dera motivo á situação, afagou a Lúlú,—muito calada, mas sempre, de soslaio, olhando o cão.

Aqui foi-se o rastilho... E o estudante, cobrando essa coragem que nos dá um gesto, ou um sorriso mais galante, —rompeu as etiquetas co'a Lúlú:

—«Perdõe, minha senhora... Este maroto assustou-a, de certo...»

—«Não fez mal...»
—«O cãozinho, d'ahi, deu-lhe no gôto... E' seu?»

—«Mas não é cão.»
—«Que original!... Ora veja como eles teem faro...»

E ela, depois de rir,—com certo assento: —«E' verdade... Um namoro... e que des-carro!...»

—«Nos cães, o ver e o amar é um momento...»

—percorriam dez vezes o caminho, afastando-se deles, e voltando, e partindo, de novo, em desalinho, felizes... ofegando!...

Se algum cão co'a Lúlú era atrevido, logo, no mesmo instante, sentia-se filado e sacudido pelo cão do estudante...

E seria comp'zo, em consciencia, perante os dois casais, ver onde havia menos divergencia: —se entre pensantes, se entre irracionais.

Passou-se tempo e, dando de barato tudo o mais, p'la mulher já quasi esposa, o pobre do rapaz, ao fazer acto, achou-se, além do cão, com uma raposa...

E então é que ardeu Troia!...

A rapariga, que amava nele, apenas, o doutor, como desfez duma ideia antiga dum bom partido, embora sem amor; tendo sonhado a toga, o tribunal; bacules e chás; o nome no jornal

a inveja das amigas, com certeza; entre os nomes dum duque e uma mar-queza,

—a rapariga, achando grande a espera de mais um ano, todo indeciso,



Nova pausa de riso, e certo enleio quebrado p'lo rapaz:

—«O quê?»
—«Tudo por Deus!»

—«O sucedido... Foi o meio de cruzar os meus olhos com os seus!...»

E seguiu, nestes termos, a conversa p'la madrugada fora, quasi sempre infantil, sempre dispersa; olvidados de tudo:—até da hora!...

O Chiado, arrancado do seu sono, ouviu-os, a sorrir, só p'ra saber, e no fim, regresando ao abandono, deixou-se, novamente, adormecer.

Desde então, com o cão mais a cadela, passeavam, juntos, para conversar... O sonho dele era casar com ela; o dela, simplesmente,—era casar.

Os cães, correndo á frente; contentes de se verem tanto á solta; sempre de lá p'ra cá, constantemente numa eterna viagem d'ida e volta,

tão brutalmente como qualquer fera, rasgou, dilacerou-lhe o coração!

Essa maldita carta da perjura, —fim de festa dum sonho inda menino!— ia sendo a funes'a noite escura desse amante engeitado do Destino!...

Mas deu-se a reacção... O orgulho veio... O Homem resolveu não pensar nela.

Ah! mas estava escrito!...—E o mal alheio recaiu sobre o cão mais a cadela...

Da Lálá,—a varanda não se abria; do rapaz,—a janela foi fechada... E causava impressão, durante o dia, ouvir, constantemente, a voz maguada dos pobres animais, latindo, junto ás portas, tristemente; soltando doloridos, longos ais, como se fossem gente!...

O cão adoeceu passado um mês... A Lúlú não comia, co'a saudade!...



Entretanto a Lálá que, duma vez, ouvira dum sujeito, já d'idade, ao sair, de manhã, promessas de conforto e de riqueza; com vestidos comprados na Martin, além de boa casa, cama e mesa, —depois de ter tirado informações, que deram por honrado o homensinho, um dia, já travadas relações, convidou-o a subir, um bocadinho...

Nessa mesma manhã, o cão morrerá. E agora,—pobre bicho!— á porta, num caizote,—estava á espera da carroça do lixo...

A Lúlú, d'olhar triste, definhada; sempre em busca da hora redentora de se abrir a sacada, —deitara-se ao pé dela, sofredora!...

A Lálá conversava com o sujeito que, cheio de calor, acabou por pedir-lhe, contrafeito, que abrisse uma janela, por favor.

Contrafeita, tambem, fez-lhe a vontade... De resto tudo aquilo era tolice, pois, bem vistas as coisas,—a verdade é que ela até gostava que ele a visse ao pé dum outro homem!...

Mas quem teve alegria verdadeira; quem provou que entre as maguas que consomem

ha horas do valor da vida inteira, —foi a pobre Lúlú que, de seguida, se quedou na escada, já radiante, olhando com expressão d'agraleceida o estranho visitante!...

Depois correu-a toda, lés-a-lés, vertiginosamente, para melhor se convencer, talvez, da verdade de tudo... E, de repente; ladrando de maneira desusada; —defronte da janela do estudante, como sempre fechada,

—saltou, com nervosismo, um longo instante.

Mas não, essa janela não se abria!... Correndo, novamente, piccurou pela rua a ver se o via, e viu-o, no caizote, finalmente... Supôs que ele dormia sosegado... Ladrrou, ladrrou, ladrrou sem se conter!...

Não, não existe um sono tão pesado!... Não, não podia ser!...

E enquanto que a Lálá, fogueira e bela, vendia, com desdem, seu corpo em flór, a Lúlú despenhou-se da janela p'ra juntar-se...

Jesus!... Que grande horror! —Sempre escravo da ideia; na mais crua das heresias, eu, sem ser ateu, ia escrever que ela saltara á rua, p'ra juntar-se, com ele, lá no céu!

Silva Tavares.

TEATRO

RETROZ PRETO

A. F., critico dum importante jornal da manhã, ao escrever a sua cronica de comentario ás «Três meninas... núas», enganou-se no nome dum dos artistas. Em vez de Joaquim Pratas—escreveu Gabriel Prata.

Ao outro dia, o ultimo, que é funcionario superior do teatro da Trindade, recæbeu um telegrama de felicitações, vindo do Porto.

Escusado será dizer que o telegrama era falso, mas Gabriel Prata ficou tão convencido da sua veracidade que o mostrou a Costa Pereira, secretario do E. B., que ficou mais convencido ainda do que o outro, apesar de ser escrito por ele...

■ ■ ■

QUANDO do almoço oferecido ao actor Ernesto Vilches, houve alguém que, em virtude de haver nesse mesmo dia outro almoço ao actor G. F., disse:

—Aqui em cima almoça-se com o Vilches e ali em baixo com o Gilches...

■ ■ ■

A REVISTA «O az de espadas», que esteve em scena no T. M. V., levou um «Piparote» mas ficou-se!... «Olarila».

■ ■ ■

HA tempos, um conhecido homem de teatro, que não conhece uma nota de musica, embora tenha colaborado em algumas partituras, pediu á



— Com que então Sôr Brabosa vae ao Brazil com uma grande bagagem de originals... francezes, hespanhoes e dizem que até Italianos...

— «Olarila»...

respectiva associação direitos de tais e tais numeros.

Comentario dum maestro:

— Sim, senhor, mas é preciso que ele escreva uma escala.

Até hoje, este simples e modesto desejo não foi satisfeito.

■ ■ ■

COMEÇOU a canicula nos teatros:

Fecharam já: Politeama, Apolo, Maria Vitoria e Eden.

Funcionam só: Ginasio, Nacional, Trindade, Avenida, Variedades e Foz.

Como o Trindade fecha tam-

hem brevemente, ficam abertos cinco teatros, o que é pouco para uma cidade como Lisboa...

■ ■ ■

I. D., «estrela» de revista, que vai pela terceira vez ao Brazil, sempre com indiscutivel sucesso, resolveu levar o seu automovel. A. M., empresario, que veio agora do Rio, deixou lá o dele. A. B., comediografo, que parte brevemente para terras de Santa Cruz, tem tambem um automovel, mas não o deixa.

Como são todos bons volan-

tes, é possivel que ganhem o certamen da velocidade artistica e monetaria.

■ ■ ■

TRABALHAM actualmente no S. F. duas artistas francesas e dois austriacos. Estes fazem-se acompanhar, nos seus exercicios acrobaticos, por um cão branco.

Ha dias, ao entrarem os austriacos com o seu colaborador, uma das francesas disse para a outra:

—Voilà... le chien, et les «autres chiens»...

■ ■ ■

L. C. vai ou não vai para o Variedades? Se fôr, A. S., que é «estrela» contratada por um ano, sai ou fica? Vamos lá ver com quantos contos o empresario resolve o problema.

Como é militar, é possivel que a sua estrategia ganhe a batalha sem graves perdas astronomicas...

■ ■ ■

NAS «Três meninas... núas», uma das melhores plasticas pertence ao actor O. C., que se apresenta, no segundo acto, num delicioso trajo de bailarina. As três meninas... núas parece que não estão satisfeitas com a concorrência...

■ ■ ■

CONSTA que o distinto empresario E. B., em virtude da sua excessiva produção dramatica, vai ingressar na Sociedade dos Autores e Compositores Teatrais.

O Homem das 5 horas



IR NO BOTE...



FITEIROS



COMER A PINHA



AOS PÉS DA DAMA

Entrevista

com a cadeira da presidencia do ministerio

Avistámo-nos ontem com a cadeira da presidencia do ministerio, no seu gabinete de trabalho, um pouco antes da hora do expediente. A cadeira encontrava-se sózinha e, como estava só, não tinha que fazer. Recebeu-nos de braços abertos e com o melhor dos seus sorrisos no estofado de veludo e foi ela quem primeiro começou a falar.

—E' V. Ex.º o meu novo inquilino? Se assim é, toda eu me inclino para o receber...

—Perdão, D. Cadeira—fizemos nós. Desejavamos apenas uma entrevista para o Sempre fize.

A cadeira soltou uma gargalhada e exclamou:

—Sempre fixe! Mas isso é uma utopia. Os mais fixos que eu tenho amparado vão-se abaixo com a maior das facilidades. Olhe, ás vezes ainda dão umas cabeçadas com geito, mas de repente vem qualquer coisa pelas costas e alevanta-os daqui em quanto um soldado esfrega um olho. E eu é que os aguento. E quando rebentam as bernardas eu é que lhe soffro as consequencias. O senhor sabe lá o que eu gasto em desinfectantes? Isto é um trabalho muito fragoso.

—De qual dos seus inquilinos tem gostado mais?

—Sei lá. Quando eu começo a acostumar-me a eles, vão-se embora. Se o senhor soubesse os feitiços que o meu assento tem tomado nestes ultimos tempos. Olhe que ás vezes até me arrepelam e eu ainda estou para saber com que. Mas ainda assim, aquele de quem tenho gostado mais é do senhor Manoel Maria Coelho.

—Porquê?

—Porque era o mais leve de todos. Quando se assentava, eu já sabia que era apenas uma parte do seu nome que estava em cima de mim.

—E a D. Cadeira deve saber muitos segredos de Estado...

—Sei. Principalmente em dias de revolução nunca foi preciso que ninguém me dissesse nada para eu saber p-á-pá Santa Justa se as coisas iam bem ou mal para o governo. Sentia tudo aqui no meu assento, como se eu propria estivesse a vêr. Havia ocasiões em que eu não precisava de ser maior do que um feijão frade para cumprir absolutamente a minha missão.

—E nessas ocasiões os presidentes mostraram ter medo?

—Medo, tinham todos, de contrario não se podiam sentar.

—Como não se podiam sentar?

—Então o senhor não conhece aquela maxim. da Sabedoria das Nações que diz que quem tem assento tem medo? Olhe, isto agora é dos menos medrosos. Pelo menos a mim dá-me a impressão de que aquilo é só roupa. E' valente. E' fique sabendo que já aqui tem havido mosquitos por cordes.

—E a D. Cadeira não lhe custa estar assim a relacionar-se com tanta gente diferente?

—Diferente? Para mim são todos iguais. Todos se me tornam pesados. Parece que o país tambem se queixa da mesma coisa. E não lhe digo mais nada.

Barbosa & Costa.



Notas á margem

Os machileiros desembaraçaram-se dos seus panos, e nós estendemo-nos ao comprido na machila, vagamente receosos dum banho forçado.

Pretos e Brancos—Dr. Brito Camacho—Pag. 129.

O banho, segundo eu leio. Esteve mesmo por um triz; Simplesmente o que não creio E' que fosse o tal receio Tão vago, como ele diz.

De vez em quando, os machileiros erguem a traquitana acima da cabeça, porque se a conservassem á altura ordinaria; a cana sobre os ombros, o semicupio era inevitavel.

Ob. cit.—Pag. 129.

Que a réles Incompetência Por entre vaias, apupe-o; Mas co'uma larga experiencia, Diz ser de boa prudencia Que se evite o semicupio.

Dura este chapinhar um quarto de hora, mas desta breve travessia guardarei boa lembrança, porque sem me joitar ao minimo perigo, me deu uma sensação nova, absolutamente original.

Ob. cit.—Pag. 129.

Nêste periodo se contém Alguma coisa de estranho; Pois não se percebe bem Como a sensação dum banho Seja nova para alguém!...

João Fernandes.

As lendas de Portugal



Andava D. Diniz plantando batatas, com um aparelho moderno, quando sua mulher D. Izabel lhe appareceu. O lavrador pediu-lhe uma rosa, mas... oh! milagre! do avental saíram pães!

Anibal Nazaré.

As damas que vestem bem e aquelas que se despem melhor

Era costume, no tempo em que não iam com o vento os vestidos femininos, na rua a gente parar p'ra poder admirar os ultimos figurinos...

E, depois de se admirar a elegancia de trajaz de qualquer dama que a tem, a gente, depois de vêr, podia por fim dizer: —Esta dama veste bem!

E, apesar de: tal respeito um homem nunca ter geito nem resposta definida, a gente via tambem que uma dama, mal ou bem, ia, p'lo menos, vestida!...

Mas hon. p'ninguém caso em pretender vêr a sua a qualquer dama, p'la rua! —Embora pareça incrível, é quasi tão impossivel como vêr moças na lua!...

Não quero fazer alusão ás tais coisas de bulão que eram razão p'ra trocar... Mesmo que essas incomodem, agora é que as saias sobem, como os balões, pelo ar!

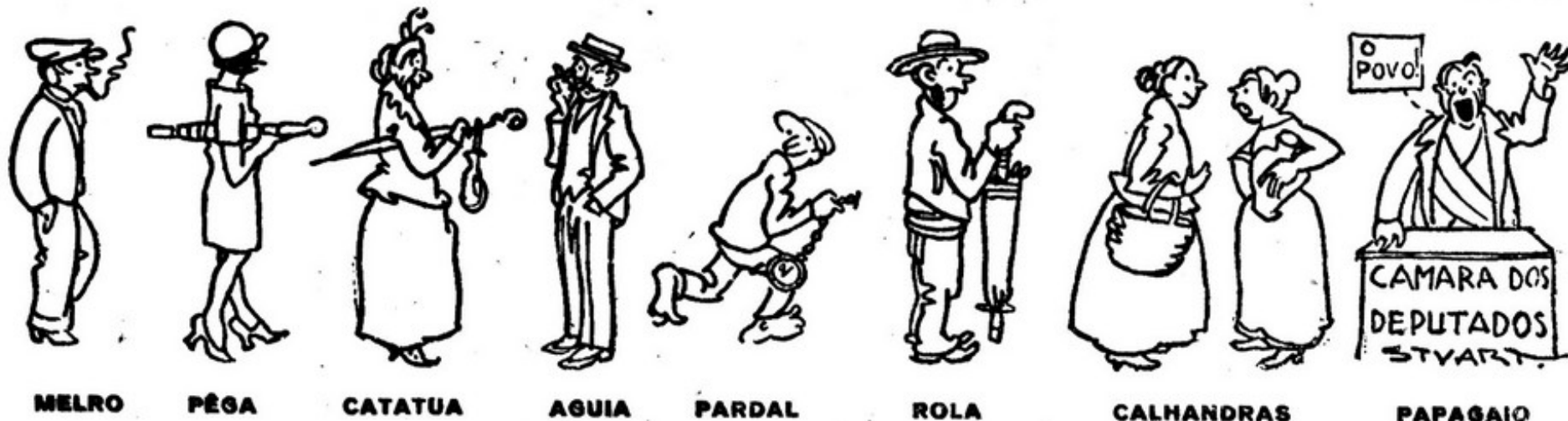
A gente cá-se habituando a vêr a sua trepando, nem nota o que ela se eleva já muito acima do joelho!... Qualquer dia, ao vêr-se ao espelho, julgarão vêr a mãe Eva!...

E outro dia, numa praia onde com a aespereza de saia mais facilmente se esbarra, disse-me alguém, com razão: —Já não queria ser Adão... Contentava-me em ser párra!...

E, salvo poucas excepções, quasi todas dão razões a uma pergunta indiscreta: —Menina! Olhe que vai nua! Perdeu as saias p'la rua, ou perdeu-as na roleta?!...

O que é facto é que hoje em dia a gente quando aprecia qualquer moda, quando vem, embora depois de vêr, já não poderá dizer: —Esta dama veste bem!...

E, caso extraordinario, p'ra termos tudo ao contrario pela hodierna extravagancia, a gente dirá tambem: —Esta dama que aqui vem despe-se com muita elegancia!...



MELRO

PÉGA

CATATUA

AGUIA

PARDAL

ROLA

CALHANDRAS

PAPAÍO

CARTA DUM SOLDADO do "33", a uma sopeira que deixou em Lisboa

Minha querida Jôquina

Cá chiguei de profeita saúde e com umas saudades tuas que nem me posso limber. Af'nal de contas, mal empregado trabalho a gente teve a salvar o país para vir encontrar aqui tudo na mesma. Tudo na mesma é cum'a quem diz, porque isto está tudo ás avessas: os que estavam de baixo estão agora de riba e vira o verso. Intigamente não se ouvia dizer então—aquele é talassa, fulano é talassa e sicrano também no é, e agora é o contrario, dizem este é democratico, aquele é democratico e assim á proporção. Mas a respeito de estradas, não se vê senão buracos cum'ma dantes e o administrador do concelho é um homem igual aos mais. Na Cambra é que houve uma mudança geral. Prantaram lá com uns vereadores que estão a escangalhar o que outros tinham feito, de modes que nã têm tempo para mais nada. Parece que aquela obra de bota abaixo ainda leva uns meses e só depois é que começa a trabalhar. Mas aquilo são quasi tudo uns vel'anças que nã prestam para nada inquanto nã lhe botarem uns dentes ou três tintentes á bern.

Isto aqui é uma maçada. Nem siquer ha um golpessinho do Estado para a gente se advertir. Já estou com saudades do parque maier, que foi adonde te cashei a vêr aquelas meninas que ainda sao mais pelintras que a mim, que nem sequer avezavam d'heiro para comprar umas meias.

Tenho-me lembrado muito daquela noite que tomei ao animatografo e que tu começaste a gritar assim que viste o Charlot. Aquilo é que era um raio dum homem que quanto mais lhe batiam mais d'reito ficava. Parecia de hilastroico o ladrão. Assim é que haviam de ser os politicos. A gente a dar-lhes para baixo e os gajos sempre a revirarem-se para cima.

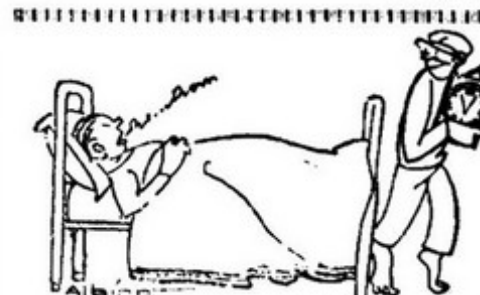
Nã digas nada a ninguem, mas eu ando aqui a fazer uma conspiração com o 75 e o 111 para se prantar na rua o nosso capitão, porque lá porque a gente é que fez o movimento, nem quer dizer que ele nã se ponha a mecher. Tem de se ir embora. Para o lugar dele vou eu ou o 75. A gente ambos os dois nã sabemos nada daquelas vozes de comando, mas já resolvemos meter uns praticos para dirigir o serviço. O pratico faz o serviço e a gente é que se lembe co as sentenças e co rancho melhorado. E depois (tambem nã digas nada disto a ninguem) se calhar ir o 75 para capitão e eu para tinente, ajuntome com o 111 e pranto co 75 de pernas ao ar para me chegar mais depressa a minha vaga. Eu depois te mandarei contar tudo e talvez te encarregue de arranjar ahí um navio para levar o 75 para as Ilhas. Eu sou hoje um reles soldado do 33, mas deixa estar que ainda me has de ver os galões. Pois intão comi é.

Adeus, Jôquina do meu coração, ferra-te uma beijoca repinçada no cantinho da boca o teu

Manoel Joaquim
1570 da 2.ª do 1.º

Poses escritas:
Vê se me mandas uma lata de tinta de ripolan que é praquendo eu fôr capitão pintar de branco aquelas coizas pretas que a gente cria nos dedos dos pezes.

M. J.



As horas batem indiferentemente para todos, e soam diferentemente para cada um...

Gustave Le Moinsinho.



por um "lunatico,, de lunetas

Meu caro «Sempre fixen»

(Continuação do numero anterior)

«Passo a explicar... A meu pai ouvi que um seu irmão embarcara, menino e moço, a bordo de um veleiro de vela... de navio para o Brasil. Nunca mais dele houvera noticias, e não ver as do seu infausto falecimento. Ora, tendo morrido esse tio no começo da vida, nada me levava a crêr que lhe viesse a herdar os bens... Assim pensei até ha três dias... Mas imagina que, abrindo a pagina de anuncios de um jornal, vejo em tipo gordo... e anelado: «Afonso de Albuquerque». Ia a passar adiante, julgando tratar-se da venda de algum exemplar dos «Comentarios» do famoso heroi, quando volvi os olhos e terminei a leitura... Eis o resto:—Este senhor, para seu interesse, deve procurar com urgencia, no Hotel Franco & Forte, o hospede do quarto n.º 13». Intrigado e munido de certificados de identidade, fui ao hotel. Fiz-me anunciar no 13...



Eis-me na presença de um austero ancião, proprietario de enorme, rotundo e proeminente abdomen.

—Eu sou o Afonso de Albuquerque, que V. Ex.ª, em anuncio, convidou a apresentar-se...

O ancião de ventre descomunai teve um sorriso incredulo e redarguiu:

—Não pode ser... O senhor é muito novo para ser o Afonso...

—Muito obrigado a V. Ex.ª pelo atestado de juventude que me passa, mas para provar a minha identidade e os meus quarenta e cinco anos, aqui tem V. Ex.ª a minha certidão de idade...

O ancião, passando-a pela vista, teve desta vez um sorriso de convicção:

—Compreendo tudo... O senhor é efectivamente o Afonso de Albuquerque... Procurava seu pai, também Afonso, e encontro o filho... Ele é falecido?...

—Ha vinte anos... Tenho aqui a certidão de obito...

—Não é necessaria... Vou dar-lhe uma novidade... Sou o seu tio Matias de Albuquerque.

—Permita-me V. Ex.ª que por meu turno tambem duvide...

—Bem seil... Isso de eu ter morrido em rapaz foi um falso testemunho... O senhor é meu sobrinho e meu herdeiro. Não tenho mais ninguem no mundo. Uma fatalidade aguada devastou-me a familia.. Minha esposa morreu atogada, uma filha foi-se por ser hidrocéfala e um filho faleceu do mal de Pott... d'agua... Eu, por minha vez, sou hidropico... E isto, como está quasi a rebentar, o senhor está quasi a ser herdeiro de quatrocentos contos...

Ia a esboçar um agradecimento, mas o meu tio acrescentou:

—Herdeiro, com a condição de tratar do meu funeral... Se não o fizer, a herança irá para outro...

Socoguei o meu estimavel tio, di-

zendo que lhe fazia um enterro de tres parêlhas, mas isso só daqui a muitos anos...

Sai radiante. Aquilo parecia-me um sonho... Tios ricos do Brasil só os conhecera nos romances de Camilo.

Ontem voltei a vêr e ancião... Para me certificar do estado da canalização, tornei-me mais familiar o fui-lhe dando umas palmadinhas no ventre hidropico... Os meus estudos de hidraulica deram-me o dique ainda solido... Não rebentaria tão cedo... Como estava enganado!...

Hoje, eram oito horas da manhã, quando o telefone tocou... Era do hotel e uma voz dizia:—«Venha depressa. Seu tio está a rebentar...» Não quiz ouvir mais nada. Enfieei pela escada... Como sabes, moro ao pé do nosso comum amigo Francisco Valença, mesmo em frente da «Maternidade», aquela «Maternidade» extensa e dilatada que nunca mais acaba... Correndo, apanhei um electrico no Matadouro. Felizmente, o carro ia a nove. Ao chegar á Rotunda, faltou a corrente. Nisto, a um passageiro faltou-lhe a carteira, o condutor, por sua vez, faltou ao respeito a uma senhora... E a mim faltava-me o tempo.

Tomei um «taxi», que corava a noventa a hora... Era de «palhinha» e por uma palhinha não se estoiçou de encontro a um candieiro. O chauffeur travou de pé e mão, e de pé para a mão o motor avariou-se. Era o cumulo do azar!... Passava um side-car; meti-me nele. Tinha azas nas rodas... Ia pensando:—«Certamente que ainda não rebentou»... Nisto, rebenta o side-car, chocando com um quiosque na Praça dos Restauradores. Fui por ares e ventos... Perdi os sentidos. Voltei a mim no banco do Hospital de S. José; estava detreado e tinha uma luxação no braço esquerdo. Curado, ligado e de braço ao peito, dirigi-me a pé para o hotel. O meu estimavel tio tinha rebentado havia duas horas. Como eu não apparecesse na hora do passamento, dispuzera de toda a sua fortuna em favor do cangalheiro, que fôra, enfim, quem lhe tratara do enterro.

A inundação da hidropesia tinha sido espantosa... Nos andares de baixo, os hospedes andavam de galochas e de impermeaveis, e alguns criados, de chapéu de chuva, apanhavam a agua a baldes...

Estava escrito no livro... Caíza do Destino que o Haver dos quatrocentos



tos contos, que viria para mim; não fôra aquele excesso de velocidade, iria parar ás mãos estranhas da agencia funeraria Eça & Tocha.

“COMO ELAS AMAM” ou como será a segunda edição das do Julio...

Lisboa possui varias estancias de namoro. Ha quem procure as ventilações nocturnas e rasteiras do Campo Grande. Ali, entre a relva e as sombras fugitivas dos gatos—o amor já-nos algumas delicias ingenuas, que fariam reluzir a austeridade se a luz do sol relusisse com a sua clara e dura ficalização. O amor, no Campo Grande, é, como indica o apelido do local—campestre, excessivamente paradisiaco. Ha falta de fôr estatuario: ninfas, venus, faunos, o nú plastico desenvolve-se em ritmos sedutores, dum nobre eloquencia carnal. A' volta do passeio ha um lago onde morrem os ultimos beijos da aventura, enquanto se busca a rua mais proxima e mais civilizada, on-le os taxis businam, teimosos na perseguição do freguez. Este, que se faz acompanhar, incomodado com a luz de carro, entende que o calor já passou e aperta-se cuidadosamente. Ao chegar á Baixa, a aventura diminui-lhe alguns haveres, recorda-se de subito que é honesta e que é tempo de ir socegar o marido que se entreteve a lêr o jornal—emquanto ella descansava em casa da prima.

Outra estancia curiosa do amor é a sucursal do mercado das donzellas, ao fim da Avenida, onde os carros que veem do Saldanha mudam de taboleta e de condutor, que é sempre mais malcreado do que o outro. De dia ha meias 44, 46 e 48. Sobem e descem dos estribos, cumprimentam as pernas masculinas, desafiando as admirações mais castas e os mais solidos deveres maritais. Não ha tratado de virtude que lhes resista. E' uma revista; é o Cachex-cá;—é o toma lá dá cá, se V. Ex.ª quere tomar chá comigo ou deseja que o acompanhe á «manucure».

A melhor estancia do amor para os elegantes são agora as praias. O mar consente tudo: Tubarões femininos com grandes barbatanas. Enguias de todo o tamanho. Baleias com o aspecto iracundo de sogras. Safios de pouca idade e alguns polvos ferozes que caçam no alto mar os noivos desprevidos e tremulos de ataque tão feroz e tentacular.

A' hora do banho, as barracas despejam-se. O frizo das pernas nuas é estonteante. Os homens suam por todos os poros. A vaga passa a ferro as formas mais secretas das mulheres. Aqui cava uma profundidade, triangulo izosceles, em negra projecção, além arredonda duas clipes, quando não são arcos de volta aladida nã pelos 30 anos—e, entre estas duas figuras de autent'ca geometria descritiva, uma oval pequenina, dedada de artista que todos nós sofremos quando passamos para as mãos de qualquer parteira diplomata.

A' volta do banho, o vento fingo que tem força, implica com as capas das banhistas, que se deixam vencer sem resistencia. Elas riem-se, gostam do traço, fazem a vontade ao vento, descobrindo-se com relativa decencia para vêr se descobrem noivo...

Noivo: gaviota de especie rara que pica a isca, mas que não engole o anzol.

João Brojeiro.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Material e tracção—Serviço d'Armazens

Fornecimento de 420 toneladas de oleo mineral escuro para lubrificação

No dia 9 de Agosto p. f. pelas 12,30 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Commissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 420 toneladas de oleo mineral escuro para lubrificação.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens da Divisão do Material e Tracção (edificio da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis das 10 ás 16 horas.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rocio. Lisboa, 19 de Junho de 1926. O Director Geral da Companhia (a) Ferreira de Mesquita.

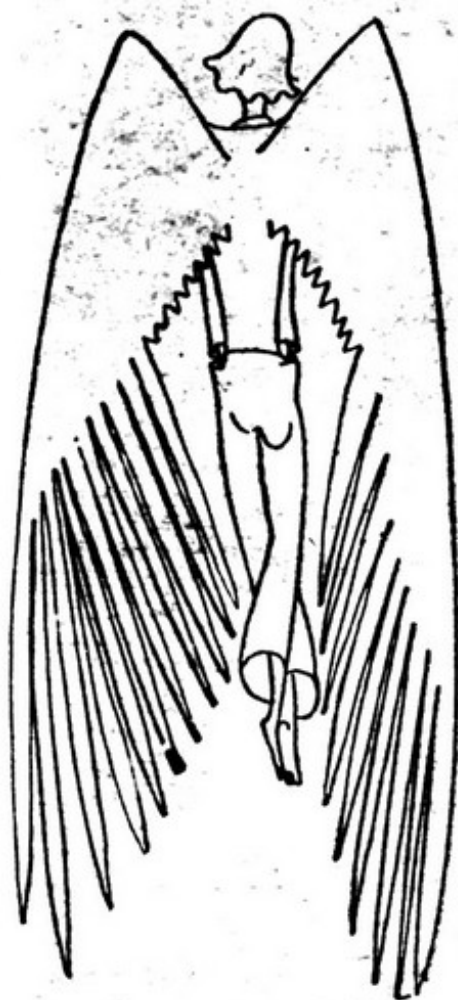
O CONCURSO INFANTIL do Sempre fixe

O SONHO DE PECHALIM

O *Sempre fixe* iniciou no número anterior um concurso infantil. Trata-se duma serie de aventuras aereas dum meudo que se apaixonou por uma pequena que foi para o céu.

O *Sempre fixe* publica as gravuras com a respectiva numeração. E os nossos pequeninos leitores devem escrever as correspondentes legendas e enviá-las à nossa redacção.

No final do concurso, todas as legendas serão apreciadas por um júri, sendo distribuidos numerosos premios, proprios para fazerem delirar os concorrentes.



19



20



21



22



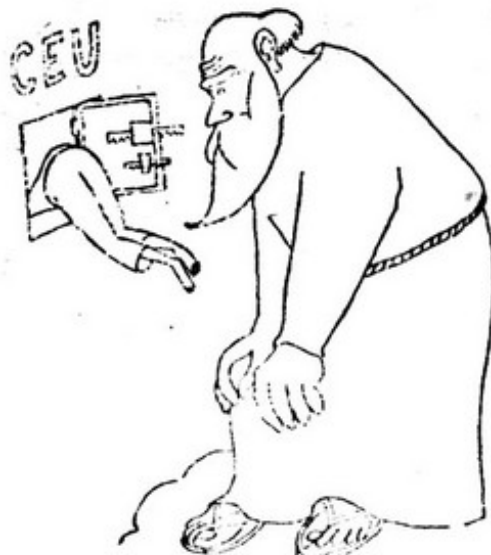
23



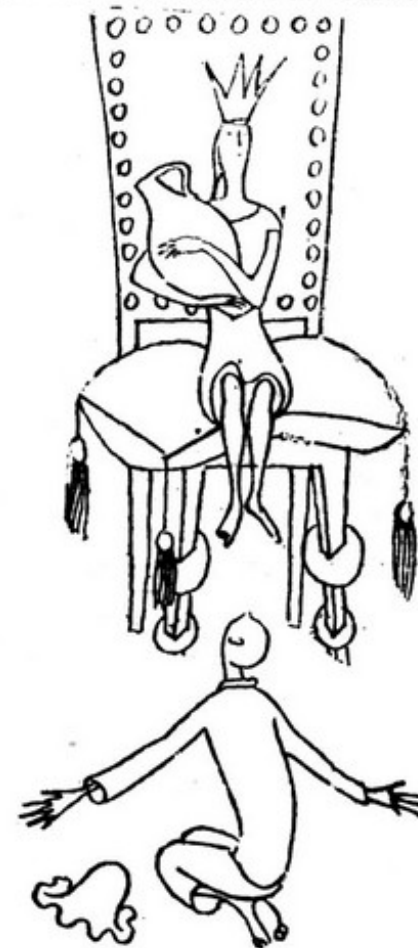
24



25



26



27



28

NA CANICULA



— Em lugar de me refrescares, escaldas-me!...

AMABILIDADE



— Ah! Sr. Forte, sinto-me tão fraca, tão abatida! Se eu morresse, ia ao meu enterro?
— Pois não? Com todo o gesto...



— Parece que o novo tacho começa a rachar!



— As rosas!... Oh! que chatice, que chatice, que chatice...



1 — Podes contar comigo depois das eleições.

2 Contou, e teve que contar...

1 — A sua visita dá-me sempre grande prazer.

2 — O patrão saiu a cavalo.

1 — Quando passar bata sempre ao ferreiro.

2 — Bate e vale ver...